

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: RESPEITO E TOLERÂNCIA EM DUAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE TABATINGA-AM

Etelma Lima de Oliveira <sup>1</sup>

Franciscleia de Meneses Barbosa<sup>2</sup>

Adriana Aparecida das Neves de Queiroz<sup>3</sup>

**RESUMO:** O ensino de Língua Portuguesa precisa conduzir o docente a compreender a multiplicidade de práticas e uso da língua, pois são nas aulas de Língua Portuguesa que são ofertados a ele ferramentas que o direcionam a analisar a respeito e exercício da língua na vida e na sociedade. Diante do exposto, a iniciativa desse projeto foi desmistificar a noção de certo e errado, a fim de minimizar o preconceito diante das variações Linguísticas. Apresentar aos discentes essas variações que ocorrem com a língua são imprescindíveis para que compreendam essas diferenças e possam ter condições de reescrever a fala passando-a da língua padrão, Bagno (2003) “é a prática da língua em um meio social considerado culto, tomando como base pessoas de níveis superior completo e moradores de centro urbanos” para a não padrão, Bagno (2003) “variantes da língua portuguesa praticada por indivíduos que não tiveram acesso a língua padrão”. Partindo do pressuposto de que é viável aprender e descrever a variação, e que a variação está extremamente vinculada a fatores estruturais e sociais, foi possível observar que, todavia, ainda há muito preconceito diante das Variações da Língua Portuguesa, por parte dos discentes em contraste aos indivíduos que fazem uso da Norma Padrão, segundo Bagno (2015) “modelo idealizado de língua “certa” descrita e prescrita pela tradição gramatical normativa”. Portanto deve se ter como prioridade uma nova possibilidade de ensino, e assim lutar contra toda e qualquer manifestação preconceituosa com os falantes que fazem uso das variações dentro e fora das instituições de ensino. O referencial teórico que alicerça este trabalho apoia-se, em Bagno (2002, 2003, 2015), Bartoni-Ricardo (2005), Cagliari (1990), Faraco (2008), Malheiros (2011), PCNs (1998), PCEM (1999) Perini (2007), Rojo (2000), Tarallo (1994) e Votre (2008).

**Palavras-chave:** Variação linguística. Ensino de língua portuguesa. Escola.

**RESUMEN:** La enseñanza de la lengua portuguesa debe llevar al docente a comprender la multiplicidad de prácticas y el uso de la lengua, como son en lengua portuguesa clases que se le brindan herramientas que lo orienten para analizar el respeto y ejercicio del lenguaje en la vida y en la sociedad, la iniciativa de este proyecto es desmitificar la noción de bien y mal, con el fin de minimizar los prejuicios en el rostro de variaciones lingüísticas. Presentar a los alumnos estas variaciones

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Letras – Língua Portuguesa. Centro de Estudos Superiores de Tabatinga (CESTB) - Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – EMAIL: [barbosafranciscleia@gmail.com](mailto:barbosafranciscleia@gmail.com) <sup>2</sup>  
Discente do curso de Letras – Língua Portuguesa. Centro de Estudos Superiores de Tabatinga (CESTB) - Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – EMAIL: [etelmaoliveira4@gmail.com](mailto:etelmaoliveira4@gmail.com).

<sup>3</sup> Docente do Curso de Letras no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – CESTB, da

Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Mestre em Letras- Linguagem, Língua e Literatura pela Universidade do Estado do Mato Grosso do Sul- UEMS. E-mail: [anagro\\_z\\_13@hotmail.com](mailto:anagro_z_13@hotmail.com)

que se producen con la lengua es fundamental para que comprendan estas diferencias y sean capaces de reescribir el discurso, pasándolo del lenguaje estándar, Bagno (2003) "se considera la práctica del lenguaje en un entorno social culto, formando como base para personas con educación superior completa y habitantes de centros urbanos "para variantes no estándar, Bagno (2003)" del idioma portugués practicado por individuos que no han tenido acceso al idioma estándar Asumiendo que es factible aprender y describir la variación, y que la variación está sumamente ligada a factores estructurales y sociales, se pudo observar que, sin embargo, según Bagno (2015) "modelo idealizado del lenguaje" correcto "descrito y prescrito por la tradición gramatical normativa", se debe dar prioridad a una nueva posibilidad de la enseñanza, y así luchar contra todas y cada una de las manifestaciones prejuiciosas con hablantes que hacen uso de variaciones dentro y fuera de las instituciones educativas. El marco teórico que sustenta este trabajo es apoyado por Bagno (2002: 2003, 2015) BartoniRicardo (2005), Cagliari (1990) Faraco (2008) Malheiros (2011), PCNS (1998) PCEM (1999) Penni (2007) Rojo (2000) Tarallo (1994) y Votre (2008).

**Palabras Claves: Variación Lingüística. Enseño de la lengua portuguesa. Escuela**

## INTRODUÇÃO

Este trabalho busca enfatizar que a língua portuguesa não é “una” que existem variações da mesma, pois é sabido que o Brasil é um país multilíngue; possui variações linguísticas, no âmbito social, econômico, etárias, regionais e culturais, contudo, algumas dessas variações não são aceitas e tendem a ser estigmatizadas.

O estudo das variações tem sido questionado de forma expressiva em debates científicos na área da linguística, todavia ainda há muito a se difundir essencialmente na esfera escolar do ensino fundamental e Médio. As observações feitas por discentes e indivíduos, referente a algumas estruturas da linguagem escrita como “erro”, necessitam ser reavaliadas de forma a redefinir novos padrões de procedimento no campo socio-educacional. Destas organizações despontam a noção de erro em condição de preconceito linguístico, neste contexto, Bagno (2015) explica que “é um julgamento que deprecia as variações linguísticas”. No entanto o que é erro? Para desmistificar tal controvérsia é necessário combatê-lo, e, como demonstra a Sociolinguística, é indispensável estudar as dessemelhanças, difundi-las

apropriadamente e comprovar que elas necessitam ser ponderadas. Diante do exposto, este trabalho pretende contribuir para um aprendizado de qualidade plural e inclusiva, em que se aprecie as experiências vivenciadas pelos discentes para que o ambiente escolar não deixe de ser um lugar de interação e transmissão de conhecimento uma vez que a linguagem não precisa ser substituída, necessita sim, ser ajustada às múltiplas condições de uso.

Os objetivos específicos que nortearam este estudo foi dialogar sobre o respeito as distintas variações linguísticas, trabalhando com condições de uso da língua; entender que vários fatores como região, faixa etária, gênero, grau de escolaridade e classe social são responsáveis pela variação da fala, realçando a variação social e também amenizar o prestígio exacerbado da norma padrão.

Com a intenção de alcançar os objetivos acima mencionados, tivemos como objetivo principal esclarecer a importância da variação linguística no dia a dia do estudante nas aulas de língua portuguesa para um comprometimento com a formação do discente contra qualquer maneira de exclusão social através da linguagem. A respeito desse tema, Cagliari (1990), afirma que

A escola não pode tomar a atitude linguística de que vale tudo, de que não existe o certo e o errado, porque tudo comunica [...]. a língua é falada por pessoas e as pessoas usam e abusam da língua, inclusive para justificar seus preconceitos. Portanto, a escola tem que fazer do ensino de português uma forma de o aluno compreender melhor a sociedade em que vivemos, o que ela espera de cada um linguisticamente e o que podemos fazer usando essa ou aquela variedade do português. (CAGLIARI, 1990, p. 48)

Partindo desse pressuposto, pode-se analisar que a divulgação da prática da variedade linguística de maior influência estabelece um método que atinge intimamente todos os indivíduos que por ela passam. No entanto os que não evoluem satisfatoriamente são taxados de “deficientes”. Por conseguinte, a sociedade adverte que esta divergência é o resultado de uma educação formal de baixa qualidade.

Por esse motivo é indispensável que os educadores possuam conhecimentos linguísticos e sociolinguísticos que lhes permitam aprofundar seu desempenho no ensino de língua portuguesa para ampliar sua prática pedagógica.

## **1 METODOLOGIA**

A metodologia aplicada baseou-se em um estudo teórico, de caráter descritivo e observação, e recorreu-se a Tarallo (1994) para uma melhor interpretação teórica, pois segundo a mesma “cada comunidade de fala é única; cada falante é um caso individual”. Tudo aquilo que não pode ser processado, analisado e sistematizado pela mente humana provoca desconforto” (Tarallo, 1994 p. 5). Seres humanos sentem que é indispensável que tudo seja sistematizado, alcançar modelos de padrões, determinar metas, seguir regras e ordenar a desordem aparente, fazendo com que o indivíduo tenha a impressão de que tudo está em ordem. Porém quando a organização é mais complexa, quando carece um entendimento maior, com análises e indagações, retorna a impressão de desordem. Segundo Malheiros (2011) a pesquisa bibliográfica auxilia o pesquisador para uma nova perspectiva sobre o que foi investigado. Segundo o autor, “a pesquisa bibliográfica se assenta sobre literatura pertinente a uma determinada área. Ela consiste em localizar o que já foi pesquisado em diversas áreas confrontando resultados”. O problema trabalhado teve como enfoque a variação linguística no ambiente escolar, uma vez que a variação linguística se encontra na existência de uma língua padrão e não padrão, e devido a essa distinção iniciasse uma desordem linguística defendida por Tarallo (1994) que é exatamente as diversas variedades que existem na comunidade. Foram observados através de oficinas e estágios supervisionado em Escolas Estaduais e Municipais do município de Tabatinga, no 6º e 7º ano do ensino fundamental, e no 1º e 2º ano do Ensino Médio Regular, onde foi percebido a existência de uma quantidade considerável de variação linguística nas salas, de aula que estão abarrotadas de estudantes de várias classes sociais, de regiões diferentes e culturas diversificadas.

## **2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: PRESUPOSTOS TEÓRICOS**

A variação Linguística é um fenômeno que ocorre com a língua e pode ser compreendida por intervenção (mediação) das variações históricas e regionais. Em um mesmo território, com uma única língua oficial, o idioma pode sofrer várias modificações feitas por seus falantes. Pois, ela não é um sistema compacto e imutável, a Língua Portuguesa ganha inúmeras nuances. As variações ocorrem em razão de que o princípio fundamental da língua é a interação, por conseguinte, é

perceptível que seus falantes realizem rearranjos de acordo com as suas necessidades conversacionais. Os falares precisam ser observados como variações, e não como “erros”.

Toda variação linguística acata as necessidades da comunicação de indivíduos que a utilizam. No momento em que esta deixa de atender às necessidades desses falantes, sofre modificações para se adaptar, visto que nenhuma língua é pronunciada da mesma maneira. Um número considerável de pessoas não aprende a ler e a escrever, contudo são falantes da língua materna. Bagno (2002) explica que, língua materna é a primeira língua que o indivíduo aprende, é a língua de casa, que se aprende através dos pais.

As línguas se desenvolvem com o tempo, se modificam, não envelhecem, no entanto, obtêm novos valores sociolinguísticos. A língua portuguesa é um embate entre as gerações atuais e as classes sociais, alguns indivíduos julgam a linguagem oral tendo como alusão a língua literária.

O idioma falado no Brasil exhibe as múltiplas variedades linguísticas, consequências da diversidade social materializadas na língua por meio da história e da vasta extensão geográfica. Os falantes são repreendidos como se a língua que utilizam e escrevem não fosse análogo, e a instituição de ensino não leva em consideração que a aprendizagem linguística ocorre em meio às relações humanas, oposto do que assevera Marcos Bagno (2015)

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar os seres humanos que falam como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes – é preciso mostrar em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes, também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação (e mudança) linguística entre os falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados. (BAGNO, 2015, p. 17, 18)

Apesar de certas variações linguísticas não apresentarem a mesma importância social no Brasil, não se deve fazer da língua uma (ferramenta) de

segregação cultural, ao sentenciar determinadas ações linguísticas sobrepujante a outra, sobretudo superior às expressões linguísticas de classes sociais menos beneficiadas.

Outra questão fundamental para entender a variação linguística é de que a língua deve ser compreendida nas instituições de ensino, segundo os contextos de prática social, e, por isso, é imprescindível que seja renunciada a ideologia de uma língua estudada apartada dos usos sociais reais, em que haja a preponderância de exemplos descontextualizados e de práticas mecanicistas que ressaltem apenas o aprendizado da gramática normativa através de objetivos que não beneficiem ao discente a oportunidade de meditar sobre sua língua materna e dominá-la com capacidade.

Essa modificação no paradigma na educação sobre a língua relaciona-se, no conceito da desigualdade linguística, , exibe o ponto de vista que mostra, que a variação está evidentemente ligada a valores sociais, cabe ao educador desenvolver um aprendizado pautado na variação, de modo que a cultura, história e o contexto do falante possam ser levados em conta, para que o transtorno com relação ao preconceito diante das variações sejam refletidos e corrigidos, a fim de que seja possível minimizá-los. A esse respeito, os PCNs (BRASIL, 1998, p. 29) salientam:

A variação linguística é constituída das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (BRASIL, 1998, p. 29).

Levar em consideração essas percepções, com a variação linguística passa a ser estimada a importância no estudo na sala de aula, para que os discentes possam estreitar ou exceder a ideia de que há uma língua “certa” em contraste a uma língua “errada”, superior ou inferior. “Não podemos, porém, ignorar, nesse tema, o peso que a cultura do erro tem em nosso país – peso que tem impedido uma discussão mais aberta e menos preconceituosa de nossa cara linguística real.” (FARACO, 2008, p.

181).

Portanto, é de grande importância o papel desempenhado pelo educador no crescimento da pedagogia da variação linguística proposta por Faraco (228, p.182), segundo o qual, deve possuir “[...] uma pedagogia que viabilize as crianças e jovens para a variação, de tal modo que possamos combater os estigmas linguísticos, a violência simbólica, as exclusões sociais e culturais fundadas na diferença linguística.”

### **3 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E SEUS DESAFIOS**

O ensino de Língua Portuguesa deve direcionar o discente a notar a multiplicidade de usos e exercício da língua, pois é fundamental nas aulas de português que o aprendiz disponha da oportunidade de aperfeiçoamento de sua capacidade linguística, momento em que são ofertadas a ele ferramentas que os auxiliem a meditar sobre a prática da língua na vida e na sociedade, como orientam os Parâmetros Curriculares do Ensino Médio:

O desenvolvimento da competência linguística pelo aluno do Ensino Médio não está pautado na exclusividade do domínio técnico de uso da língua legitimada pela norma padrão, mas principalmente, no saber utilizar a língua em situações subjetivas e/ou subjetiva que exijam grau de distanciamento e reflexão sobre contextos e estatutos de interlocutores – a competência comunicativa vista pelo prisma do valor social e simbólico da atividade linguística e dos inúmeros recursos concorrentes. (BRASIL, 1999).

Cabe ao docente de Língua Portuguesa ingressar na sala de aula não unicamente como professor, mas, primordialmente, como interventor de diálogos entre as diversas áreas de conhecimento, construir a interdisciplinaridade lado a lado com a linguagem. (Ou por meio da linguagem).

Alguns brasileiros têm a língua escrita como uma segunda língua, Perini (2007) sugere instruir a partir da realidade de que se está diante de pelo menos dois idiomas: a língua oral e a língua escrita – cada qual com a sua gramática.

#### **3.1 Escola e seus desafios**

A escola como meio social, de organização e de transformação cidadã, deve expor, planejar, projetar, avaliar e valorizar o contexto linguístico exclusivamente multilíngue, pois, as línguas são inerentes e inter-relacionadas, e essa união permite discernir e avaliar a língua e a própria cultura e a de outrem. As línguas existem simultaneamente em todos os contextos, Santos (2012, p. 144)

Rojo (2000) defende e insiste que é inadmissível educar e acredita que, todavia, se deve planejar, realizar e avaliar a língua dentre outras disciplinas, como se estivesse no Século XVII ou XVIII, a própria sociedade mudou e desenvolve-se; a tecnologia, os instrumentos institucionais e a instituição de ensino devem observar essas transformações. As análises e as conferências evidenciam que essas modificações são indispensáveis, necessitam ser exercidas, livrar-se da época dos Jesuítas e adentrar na era digital, de maneira logada, tecnológica e modernizadas, interligada, adaptada e de forma recíproca com o outro e com o meio, de maneira eficiente, funcional, ampla e inclusiva.

Segundo Votre (2008), é necessário conferir à escola o mérito de ser responsável por uma parcela considerável do trabalho socializador, que o uso de um idioma nacional, de preponderância demanda. A escola é importante para realizar trabalhos sobre variações linguísticas, todavia, ela não faz de forma isolada, a escola pode romper a lacuna que há entre língua padrão e variação linguística, com educadores que realizem de maneira ajustada a utilização da língua portuguesa, elucidar, expor as dessemelhanças linguísticas e evidenciar o prestígio de se conhecer a norma culta na sociedade. Sobre esse assunto, Bagno (2002) defende que

Parece ser mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de Língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (BAGNO, 2002, p. 32)

Percebe-se que não se trata, porém, de substituir uma variedade por outra, mas admitir as demais modalidades significativas e, com isso, lograr minimizar as posturas discriminatórias deliberadas de se considerar a variedade padrão como “una” e exclusiva.



A preponderância do chamado português padrão ressalta as desigualdades sociais, mas não há como ignorá-lo. Entretanto, se a escola decreta o ensino do português padrão desconsidera as características linguísticas e culturais do aluno, pode causar nele uma sensação de insegurança e, ou, até recusa ao ato de assimilar as formas julgadas prestigiadas da língua.

Segundo Bartoni Ricardo (2005, p. 26), ainda que a sociolinguística juntamente com a rede educacional não deu a devida atenção aos aspectos da variação e que é praticável ensinar o português padrão aos falantes das variações linguísticas sem gerar nenhum embate desde que seja inserida em sala de aula uma pedagogia culturalmente aplicável.

Logo, se a finalidade das aulas de Língua Portuguesa é propiciar a competência da norma padrão isso deve ser realizado de maneira que não venha a exacerbar, nem colaborar para a condição de exclusão que já estão submetidos os falantes que vivem as margens da sociedade.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As observações realizadas através de estágios e oficinas utilizados no processo deste trabalho, bem como as vivências nas salas de aulas e mediações possibilitaram a análise da temática em questão, onde houve a possibilidade de examinar de maneira reflexiva a existência de variação em sala de aula e a necessidade de enfatizar o tema variação linguística.

Alguns docentes enfrentam obstáculos no momento de trabalhar assuntos sobre variação linguística no ambiente escolar, mais precisamente por priorizarem a norma padrão da língua portuguesa. Bem como, por não dominarem o assunto e não acharem necessário abordar tal temática. Observou-se que a norma culta é em alguns casos utilizadas em sala de aula, e as normas da gramática apesar de serem bastante difundidas pelos professores, nem sempre prevalece entre os discentes.

É interessante salientar que recursos como: histórias em quadrinho, piadas, contos antigos, documentos antigos, músicas entre outros, são métodos que o professor pode usar para ampliar a compreensão sobre variação da língua e enriquecer o método educativo, pois, ao assumirmos a sala de aula e trabalharmos

essas questões, houve uma ótima troca com os discentes, eles se envolveram e fizeram colocações de seus pontos de vista. Ou seja, sentiram-se à vontade em ser eles mesmos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito a trilhar na estrada esburacada marcada pela depreciação da variação linguística no âmbito da sala de aula. Tais obstáculos possibilitam novos ajustes, e a estrada garantida pelo esforço do educador e pelo interesse da instituição de ensino, volta-se mais flexível, menos carente e fortalecido pela convicção verdadeira de que a Língua Portuguesa passa por modificação, está continuamente renovada como os caminhos que cruzam esse imenso Brasil.

Beneficiar e aprimorar a educação sociolinguística no ambiente escolar denota o desenvolvimento e o conceito de que a variação linguística é um tema transversal, que percorre todos os demais conteúdos de língua portuguesa e no ensino de gramática.

Impulsionar a reflexão sobre a língua em desenvolvimento, apoiar o respeito à diversidade linguística e social brasileira, assegurar o privilégio de reconhecer que as variações linguísticas fazem parte do dia a dia, são propósitos a serem alcançados nos bancos escolares e transpor além dos muros das instituições de ensino. É precisamente isso que se busca conseguir no dia a dia, das salas de aula: observar a língua em sua variedade e mostrar que a língua é rica e a variação linguística faz parte do contexto de todos.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. **Língua materna, letramento, variação & ensino**. São Paulo: Parábola, 2002

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. São Paulo, Parábola Editorial 2015.

BARTONI- RICARDO, S. M. 2005. p. 26. Disponível em:  
<<http://www.diaadiaeducaçaoopr.gov.br>> Acesso em: 20 mar. 2020.

CAGLIARI, L.C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1990. Disponível em: <<http://docplayer.com.br>> Acesso em: 20 de mar. 2020.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Disponível em: <<http://regranbery.edu.br>> Acesso em: 20 de março de 2020.

MALHEIROS, B. T. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

**PARAMETROS CURICULARES DO ENSINO MÉDIO**. BRASIL, 1999. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducaçaoopr.gov.br>> Acesso em: 20 mar. 2020.

**PARAMETROS CURICULARES DO ENSINO FUNDAMENTAL**, BRASIL, 1998. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducaçaoopr.gov.br>> Acesso em: 20 mar. 2020.

PERINI M. S. 2007. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle>> Acesso em: 20 mar. 2020.

ROJO, R. **A prática de linguagem em sala de aula**: mercados de Letras, 2000

SANTOS, A. S. **Multilinguismo, o ensino de Língua Portuguesa no contexto da diversidade linguística**. 2012.p. 144

TARALLO, F. **Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo Ática 1994.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C. BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 51- 57. Disponível em: <<http://www.docplayer.com.br>> Acesso em: 20 mar. 2020.